

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

ANDRE RICARDO GUIMARAES

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é um trecho de uma entrevista com Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-ministro de Fernando Henrique, um dos responsáveis pelo programa de privatizações no país.

Isto é entrevista Luiz Carlos Mendonça de Barros

Ex-ministro do governo FHC defende política econômica da presidenta e projeta retomada do crescimento para o ano que vem. Para Mendonça de Barros, privatizações ajudam o País a crescer.

Responsável pela privatização do sistema Telebras em 1998, quando era ministro das Comunicações, o engenheiro e doutor em economia Luiz Carlos Mendonça de Barros se tornou um símbolo da primeira gestão de Fernando Henrique Cardoso na Presidência. Antes disso, em 1995, Mendonça de Barros já havia atuado como presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) durante a venda do controle da Companhia Vale do Rio Doce à iniciativa privada. Não por acaso, ficou conhecido como “Senhor Privatização”. Aos 69 anos, reconhece o clima de hostilidade entre tucanos e petistas, mas declara admiração pelo trabalho da presidenta Dilma Rousseff. “As coisas estão indo bem no governo e acho que ela vai ser reeleita”, afirma. As chaves para isso são o plano de concessões no setor de infraestrutura, a redução dos custos de produção da indústria e as medidas de desoneração anunciadas recentemente pelo governo. “Dilma agiu como presidenta da República e não como membro de um partido político.”

***Isto é** - Como o sr. avalia as recentes medidas do governo federal que reduzem os custos de produção, como a desoneração das folhas de pagamento e o desconto no preço da energia elétrica?*

***Luiz Carlos Mendonça de Barros** - É uma resposta a uma crítica que se fazia já havia algum tempo à política econômica da presidenta Dilma. A crise que a indústria brasileira estava vivendo se devia à estrutura de custos de produção interna. O governo tinha uma*

leitura simplista de que a falta de competitividade era um problema de câmbio, que o real estava muito forte. Tanto que o governo começou uma política de desvalorização da moeda. Enquanto isso, um grupo de economistas de fora do governo, no qual eu estava inserido, dizia que esse não era o centro do problema. O centro do problema era que os custos de produção da indústria estavam em desalinhamento com os custos dos países que concorrem com a gente.

Isto é - O sr. pode dar um exemplo desse descompasso?

Luiz Carlos Mendonça de Barros - O exemplo mais gritante disso era o preço da energia elétrica. Durante várias décadas, o Brasil foi uma economia extremamente fechada. Então o consumidor não tinha um padrão de comparação de preços. Agora, isso mudou.

Isto é - As recentes medidas de estímulo à economia anunciadas pelo governo são suficientes para fazer o País crescer mais?

Luiz Carlos Mendonça de Barros - No começo do ano, minha expectativa era de que o PIB avançasse 3,5%, que é seu crescimento potencial. Mas agora espero 1,5%. O que aconteceu neste ano foi que, de um lado, o consumo das famílias foi mais baixo do que o previsto por conta de um engasgo de crédito. Os empréstimos haviam crescido muito e, em alguns casos, houve descompasso com a renda. Se antes esperava uma alta de 5% no consumo, agora acho que vai ficar perto dos 3%. Mas isso já está voltando, porque os dados mais recentes de inadimplência mostram queda importante. Explica-se uma parte da desaceleração assim.

Isto é - Após o anúncio do pacote para as rodovias e ferrovias, o sr. elogiou o passo tomado pela presidenta Dilma. O caminho para o crescimento passa necessariamente pela privatização?

Luiz Carlos Mendonça de Barros - Sem dúvida nenhuma. Por uma razão muito simples. O Brasil, para sustentar um crescimento de 3,5% a 4% pelos próximos dez anos, precisa fazer grande esforço de investimento em infraestrutura. Mas boa parte desses investimentos está na área pública. Na ideologia do PT, é o governo que tem que prover

serviços como estradas, portos, ferrovias e geração de energia. Mas, nos dois primeiros anos de governo, a presidenta já percebeu que isso é impossível de acontecer aqui.

Isto é - Por que é impossível?

Luiz Carlos Mendonça de Barros - Primeiro, porque o governo não tem dinheiro. Segundo, a corrupção. Quando se põe o setor público para fazer esses investimentos, abre-se uma influência muito grande dos partidos políticos e isso leva naturalmente à corrupção e à ineficiência. Como se soluciona essa armadilha? Chamando o setor privado para investir. Porque ele tem dinheiro, acesso a capitais externos e internos e as empresas privadas têm um grau de eficiência maior do que as públicas. Mas, como o serviço é de natureza pública, o governo tem que manter sua função de arbitrar os interesses privados das demandas naturais da sociedade. O modelo implantado pelo presidente Fernando Henrique é eficiente nisso, com as agências públicas capazes de normatizar e fiscalizar as empresas.

Isto é - As empresas públicas sempre serão piores que as privadas?

Luiz Carlos Mendonça de Barros - Dizer que o setor público é o diabo e o privado é santo não é verdade. Solta, a empresa privada vai tentar ganhar mais dinheiro até com atividades ilícitas. O setor privado está sujeito à regulação de um país e as agências do governo tomam conta disso. É preciso fazer concessões dentro de limites legais e regulatórios que defendam o cidadão. É esse o modelo que foi implantado pelo Fernando Henrique no Brasil. Como o PT ficou durante muitos anos criticando esse modelo, eles agora estão numa saia justa. Mas Dilma agiu como presidenta da República e não como membro de um partido político.

Isto é - Há uma rejeição no Brasil à palavra “privatização”?

Luiz Carlos Mendonça de Barros - Não acredito. Se uma pessoa vem falar mal da privatização para mim, eu dou o exemplo do telefone e pergunto se há coisa mais democratizada que isso. Daí a pessoa fala: “mas o serviço é muito ruim”. O serviço é ruim, mas você tem agência para cobrar esse tipo de coisa. Observe as estradas de São Paulo. Paga pedágio? Paga, mas em compensação você tem um serviço muito melhor.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Podemos reconhecer uma entrevista simplesmente observando a estrutura desse gênero textual. Descreva essa estrutura com base nas suas percepções.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

O aluno notará que a entrevista é um tipo de texto cuja estrutura diferencia-se da maioria dos demais textos, por causa de sua "natureza dialógica". Ele é estruturado, na maior parte, por um diálogo entre entrevistador e entrevistado.

Os discursos também são bem marcados: Ao invés dos sinais comumente usados para marcar o discurso direto, o próprio nome do entrevistador (seja pessoa física ou jurídica) e do entrevistado são mencionados antes das perguntas e respostas, o que não deixa margem a dúvidas sobre quem está falando o que.

QUESTÃO 2

Numa entrevista é utilizada, primeiramente, a linguagem verbal oral, onde os interlocutores se revezam através de perguntas e respostas. Ao passarmos a entrevista da linguagem oral para a escrita, a variedade mais informal deve dar passagem a mais formal. Destaque um trecho cujas expressões poderiam estar modificadas durante a entrevista oral.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a distinção entre escrita e oralidade.

Resposta comentada

O aluno poderia destacar a seguinte oração: “*Se uma pessoa vem falar mal da privatização para mim...*”, possivelmente estruturando-se a oração em entrevista oral: “*Bem... se a pessoa fala mal de privatizar pra mim...*” Desse modo, o aluno perceberia que numa entrevista, algumas marcas de oralidade são privilegiadas, sendo uma característica da linguagem oral o encurtamento de expressões (vem falar / fala; privatização / privatizar; para / pra), dando maior velocidade à comunicação através da economia verbal.

QUESTÃO 3

Ao passarmos a entrevista da linguagem oral para a escrita, que processos devemos utilizar para tornar a linguagem escrita mais coesa e coerente?

Habilidade trabalhada

Diferenciar retextualização e transcrição.

Resposta comentada

O aluno deverá compreender que o primeiro passo à transposição da linguagem oral para a escrita é a transcrição, onde a fala do entrevistado é “*passada para o papel*”, sem maior preocupação com as expressões proferidas pelo entrevistado. Num segundo passo, ao retextualizarmos a entrevista, tais expressões são modificadas, e os sinais de pontuação substituem as paradas da linguagem oral, obedecendo a uma variedade mais formal da língua.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Durante a entrevista, o entrevistado expõe suas opiniões, além de prestar informações sobre o que é perguntado. Um trecho da entrevista que marca esse aspecto é:

- a) () No começo do ano, minha expectativa era de que o PIB avançasse 3,5%, que é seu crescimento potencial. Mas agora espero 1,5%.

- b) () O setor privado está sujeito à regulação de um país e as agências do governo tomam conta disso.
- c) () O que aconteceu neste ano foi que, de um lado, o consumo das famílias foi mais baixo do que o previsto por conta de um engasgo de crédito.
- d) () A crise que a indústria brasileira estava vivendo se devia à estrutura de custos de produção interna.

Habilidade trabalhada

Identificar marcas linguísticas de impessoalidade, opinião e generalização.

Resposta comentada

Numa entrevista, geralmente o entrevistado é convidado a expor sua opinião em perguntas como: “*O que o Sr. pensa sobre....?*”. Entretanto, mesmo em perguntas mais objetivas, ele pode responder não só objetivamente em relação aos fatos apresentados, mas também através de suposições. É o que acontece na declaração da opção “A”, onde o entrevistado tinha uma “*expectativa*” e “*esperança*”.

QUESTÃO 5

Em algumas situações, o sujeito paciente é priorizado em perguntas ou respostas, como no exemplo “*...o modelo que foi implantado pelo Fernando Henrique no Brasil.*”, onde o pronome relativo faz o papel de sujeito paciente “*modelo*”. Por que o entrevistado optou por estruturar a fala na voz passiva?

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentido gerados pela escolha do sujeito como agente ou paciente.

Resposta comentada

O aluno deverá compreender que na voz passiva, a ênfase é dada ao paciente da ação verbal. Com isso, para o entrevistador é mais importante informar o que foi implantado (o modelo), do que quem o implantou (Fernando Henrique).

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Questão 6

Com base nas informações que você obteve em relação a este gênero textual, trabalhe em grupo, entrevistando um professor da sua escola. Não deixe de seguir os seguintes passos: elaborar perguntas, gravar a entrevista, transcrevê-la e retextualizá-la. Ao estruturar a entrevista, não se esqueça fazer a sua divisão em apresentação, corpo e considerações finais.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Justificativa

Os alunos deverão reconhecer que a estrutura de uma entrevista divide-se em apresentação (eles deverão noticiar quem é o entrevistado, através de informações sobre a vida e/ou obra deste), corpo (sequência de perguntas e respostas) e considerações finais.

Ao escolher o entrevistado, os alunos deverão formular perguntas e gravá-las com as respectivas respostas.

O próximo passo será transcrever a entrevista (usar as próprias palavras do entrevistado para transformá-la em um discurso escrito). Desta forma, eles perceberão que a linguagem oral e espontânea tem suas peculiaridades, tendendo à informalidade.

Depois, eles deverão retextualizar o que foi transcrito, ou seja, adaptar a fala do entrevistado a uma linguagem mais formal, concatenando ideias e se apropriando dos

recursos gramaticais para tornar a entrevista coesa e coerente, tornando, conseqüentemente, o discurso mais dinâmico e compreensivo.